

Experiências afrofuturistas na educação musical: primeiros passos

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO EM SIMPÓSIO SIMPÓSIO: Música e Pensamento Afrodiaspórico

Beatriz de Souza Bessa UNIRIO beatriz.bessa@edu.unirio.br

Resumo. A partir da pesquisa sobre o conceito de afrofuturismo e sua expressividade no campo musical, investiga-se como ele pode ser fomentado em instituições escolares. Tendo em vista a promulgação em 2004 das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais no Brasil e a carência da palavra "futuro" nesse documento é urgente que tal temática esteja presente na sala de aula. Através de atividades que unam a cultura ancestral ao uso de tecnologias, na união de tambores e remixes, se almeja construir práticas pedagógicas antenadas com a produção musical afrofuturista de artistas negros. Essa pesquisa qualitativa tem como referência autores como Kodwo Eshun, Ytasha Womack e Joni Acuff, e vem promovendo em uma escola do Rio de Janeiro ações criativas e antirracistas por meio da música, pelo passado, no presente e para o futuro.

Palavras-chave. Educação Musical, Afrofuturismo, Antirracista, Música Brasileira, Educação Etnico-Racial.

Title. Afrofuturist experiences in music education: first steps

Abstract. Based on research on the concept of Afrofuturism and its expressiveness in the musical field, we investigate how it can be promoted in school institutions. In view of the promulgation in 2004 of the National Curricular Guidelines for the Education of Ethnic-Racial Relations in Brazil and the lack of the word "future" in this document makes it urgent for this topic to be present in the classroom. Through activities that combine ancestral culture with the use of technologies, in the union of drums and remixes, the aim is to build pedagogical practices in tune with the Afrofuturist musical production of black artists. This qualitative research is based on authors such as Kodwo Eshun, Ytasha Womack and Joni Acuff, and has been promoting creative and anti-racist actions through music in a school in Rio de Janeiro, in the past, in the present and for the future.

Keywords. Musical Education, Afrofuturism, Anti-Racist, Brazilian Music, Ethnic-Racial Education.



Introdução

O filósofo camaronês Achille Mbembe (2016) afirmou que o futuro será a África, pois dentro de 30 a 50 anos uma em cada três pessoas no planeta será africana ou descendente de africanos em diáspora. Assim, que caminhos é possivel trilhar para que essa vantagem populacional não se reflita numa crescente precarização do futuro de negros e negras no planeta? No campo da cultura o conceito de afrofuturismo é uma possibilidade de inverter a lógica colonialista, enaltecendo o protagonismo da população negra nos avanços da humanidade. Um dos meios através do qual esse conceito pode se fortalecer é justamente a educação, através de uma educação musical afrofuturista.

O futuro!

No Brasil, em 2003, a lei 10.639 alterou a lei 9.394 de 1996, incluindo no currículo oficial da rede de ensino brasileiro a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". Em seguida, em 2004, foram publicadas as Diretrizes Curriculares para Educação das Relações Étnico Raciais: documento importante na luta do povo preto por maior representatividade na educação brasileira. As Diretrizes são uma das políticas públicas de Estado, de cunho institucional e pedagógico, que visa o reconhecimento e valorização da identidade, da cultura e da história dos negros brasileiros. Esse documento faz parte de um processo de anos de luta pela valorização da cultura preta nos currículos escolares. No entanto, lendo os textos das Diretrizes (BRASIL, 2004) percebe-se uma presença marcante das palavras história (aparece 104 vezes), passado (aparece 4 vezes), origem (aparece 5 vezes), ancestralidade (aparece 2 vezes), mas a palavra "futuro" surge apenas uma vez em todo o documento no parágrafo:

O ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, evitando-se distorções, envolverá articulação entre passado, presente e futuro no âmbito de experiências, construções e pensamentos produzidos em diferentes circunstâncias e realidades do povo negro. É um meio privilegiado para a educação das relações étnico-raciais e tem por objetivos o reconhecimento e valorização da identidade, história e cultura dos afro-brasileiros, garantia de seus direitos de cidadãos, reconhecimento e igual valorização das raízes africanas da nação brasileira, ao lado das indígenas, europeias, asiáticas. (Brasil, 2004, p.20)



A ausência da palavra futuro em um documento de objetivo pedagógico é uma das muitas lacunas das Diretrizes de 2003. No entanto, no campo da cultura africana e afrodiaspórica o terno futuro tem despontado em diferentes frentes de expressão artística: O AQUILOMBAR, evento organizado pela Coordenação Nacional de Articulação de Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ) ocorreu do dia 16 de abril desse ano com a temática "Ancestralizando o Futuro"; o projeto "Afroturismo SP", promovido pela Secretaria de Turismo e Viagens de São Paulo (Setur-SP), que lançou no mesmo mês uma publicação com os dez principais roteiros paulistas ligados à cultura afro-brasileira²; a exposição "Munguengue: O Futuro é dos Crias", fruto da parceria entre o Coletivo Kambacua e a Área de Educação e Ação Social do Instituto Moreira Salles, vem ocupando a galeria do Parque Madureira no Rio de Janeiro com o objetivo de mostrar como a arte produzida em contextos periféricos têm apontado novos futuros para esses territórios³. Em junho de 2024 o Museu Afro Digital da Bahia apresentou seu novo logotipo nas redes sociais⁴, baseado na máscara geledé, salientando que sua nova marca vislumbra o futuro, mas sem deixar de lado as raízes africanas. Assim, a partir da pesquisa sobre o futuro do povo negro, surge em minha busca o termo afrofuturismo.

Afrofuturismo

Afrofuturismo é um termo cunhado em 1994 por Mark Dery, crítico cultural branco norteamericano, no trabalho intitulado *Black to the future*. A publicação questionava a invisibilidade
de artistas negros e negras no cinema, na literatura e na ficção científica dos Estados Unidos.
Essa constatação de Dery surge durante entrevista com o escritor Samuel R. Delany, o crítico
cultural Greg Tate e a pesquisadora e professora Tricia Rose. Dery se questionava por que os
negros estão tão "visivelmente ausentes das histórias que contamos a nós mesmos, como
sociedade, sobre utopias tecnológicas e possibilidades pós-humanas?" (DERY, 1994). No
entanto, o movimento afrofuturista já era vivo em performances artísticas negras desde os anos
50, com seu principal expoente sendo o músico Sun Ra. No longa metragem *Space is the place*,
de 1974, do diretor John Coney, Sun Ra interpreta a si mesmo, e viaja à Terra para recrutar
pessoas negras através da música, pois apenas o espaço sideral poderia oferecer a essas pessoas

 $^{{}^{1}\}underline{\text{https://www.gov.br/cultura/pt-br/assuntos/noticias/aquilombar-2024-marcha-destaca-a-importancia-das-raizes-culturais-na-construcao-de-um-futuro-inclusivo-e-sustentavel}$

² https://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/ultimas-noticias/wtm-setur-sp-lanca-roteiros-de-afroturismo/

³ https://www.instagram.com/p/C7AP-D_PV7Y/?locale=en&img_index=1

⁴ https://www.instagram.com/p/C82s3qLpPW8/?img index=4



segurança e liberdade. Entretanto, enquanto conceito, o afrofuturismo foi se expandindo e enfim apropriado pela população negra após a publicação do artigo de Dery. Atualmente, tal conceito e suas performances ocupam espaços para além da produção ficcional norte-americana: estão no cinema, na literatura, nas artes visuais, na música e na dança em várias partes do mundo. Nesse sentido, campos artisticos diversos já têm representatividade de artistas negros que inventam e recriam futuros especulativos.

"O afrofuturismo é a ficção especulativa ou a ficção científica escrita por autores afrodiaspóricos e africanos, um movimento estético global que abrange arte, cinema, literatura, música e academia." (YASZEK, 2013, p. 1). Para Freitas e Messias (2018) o afrofuturismo envolve "criações artísticas que exploram futuros possíveis para as populações negras por meio da ficção especulativa" (FREITAS; MESSIAS, 2018, p. 405). Já Mosley pontua que "a ficção científica pode derrubar paredes e janelas, os artificios e as leis mudando a lógica, capacitando os desprivilegiados" (MOSLEY, 1998, p. 32). Eshun (2003) define o Afrofuturismo como "um programa para recuperar as histórias de contra futuros criados num século hostil à projecção afrodiaspórica" (ESHUN, 2003, p. 301) e Nelson (2002) afirma que se trata de "vozes afroamericanas com outras histórias para contar sobre cultura, tecnologia e coisas que estão por vir" (NELSON, 2002, p. 9). Ytasha Womack (2013) o define como "uma interseção entre a imaginação, a tecnologia, o futuro e a liberação" (WOMACK, 2013, p. 9). Na perspectiva do Afrokut, um coletivo online que se intitula como Rede Social da AfroHumanitude na internet, o afrofuturismo é "uma nova tecnologia de cura, memória e justiça, que desestabiliza noções de tempo linear ocidental" (AFROKUT, 2024). Já segundo Ernesto (2018), conhecida no âmbito de coletivos afrofuturistas no Brasil como Luain-Zaila, "desde a antiguidade, os povos negros africanos e suas inúmeras diásporas sempre demonstraram através de levantes estarem prontas para imaginar e viver futuros onde suas pátrias, descendências, culturas e vidas seriam livres de qualquer tipo de opressão (ERNESTO, 2018, p.6).

Nessa perspectiva, o afrofuturismo não seria um movimento que se inicia no século XX, e sim a expressão de forças de resistência que acontecem desde o rapto de africanos e africanas de suas terras, como a criação de quilombos e a prática da capoeira, por exemplo, visando um futuro de liberdade. A perspectiva afrofuturista "estuda os apelos que artistas, músicos, críticos negros e escritores fizeram para o futuro, nos momentos em que qualquer futuro para eles era difícil imaginar" (ESHUN, 2003, p. 294). Por outro lado, o afrofuturismo estaria também vinculado à luta pelo reconhecimento de pessoas negras no cenário tecnológico/hi tech/ digital, comumente dominado pela população branca. Assim, o afrofuturismo pode ser interpretado como um caminho para a inclusão na tecnologia.



Pesquisas realizadas pelas instituições Comitê Gestor da Internet no Brasil⁵ (CGI.br) em 2021, Potências Negras Tec em 2022⁶ e Pretalab⁷ em 2023 apontam tanto a ausência de pessoas negras nas áreas da tecnologia, principalmente mulheres negras, como a dificuldade de acesso a bens digitais pela população afrodescendente no Brasil. Ser ativo dentro da perspectiva tecnológica, rompendo com a imagem generalista que retrata nós negros como pessoas ligadas somente a práticas artesanais e à informalidade, também é um dos pontos que alimenta o pensamento afrofuturista. "Com o poder da tecnologia e liberdades emergentes, os artistas negros têm mais controle sobre sua imagem mais do que nunca. Bem-vindo ao futuro". (WOMACK, 2013, p.28)

Educação musical e Afrofuturismo

No campo da educação o afrofuturismo não deve ser reduzido a práticas multiculturalistas, no qual os educadores simplesmente acrescentam artistas africanos a um currículo artístico ou ensaiam músicas para apresentações em datas comemorativas. Segundo Acuff (2020), o currículo artístico baseado no afrofuturismo deve apoiar a capacidade dos estudantes negros se verem no futuro como seres potentes e dignos, pois segundo a autora "deveríamos querer que os alunos não só se vissem *no* currículo de arte, mas também fossem capazes de imaginar e desenvolver o seu futuro *através* do currículo de arte" (ACUFF, 2020, p. 15, grifo da autora).

O apagamento da nossa história acarretada pela escravidão faz com que busquemos mergulhar em nosso passado, em pesquisa e orgulho sobre nossa ancestralidade. Assim, a resistência cultural traz à tona elementos afrodiaspóricos e africanos das manifestações populares como capoeira, jongo, maculelê, samba de roda, afoxés, cacuriá, tambor de crioula, marujada, congada entre tantas outras, mas elas podem ser ampliadas à uma experimentação artistica onde os negros sejam protagonistas do futuro, em contraponto ao que ocorreu no passado.

tecnologia/#:~:text=Uma%20pesquisa%20recente%20(2022)%20da,em%20seus%20times%20de%20trabalho.

 $^{^{5}\ \}underline{\text{https://forbes.com.br/forbes-tech/2020/05/negros-e-pobres-sofrem-com-exclusao-digital-durante-a-pandemia/negros-e-pobres-sofrem-com-exclusao-digital-durante-a-pandemia/negros-e-pobres-sofrem-com-exclusao-digital-durante-a-pandemia/negros-e-pobres-sofrem-com-exclusao-digital-durante-a-pandemia/negros-e-pobres-sofrem-com-exclusao-digital-durante-a-pandemia/negros-e-pobres-sofrem-com-exclusao-digital-durante-a-pandemia/negros-e-pobres-sofrem-com-exclusao-digital-durante-a-pandemia/negros-e-pobres-sofrem-com-exclusao-digital-durante-a-pandemia/negros-e-pobres-sofrem-com-exclusao-digital-durante-a-pandemia/negros-e-pobres-sofrem-com-exclusao-digital-durante-a-pandemia/negros-e-pobres-sofrem-com-exclusao-digital-durante-a-pandemia/negros-e-pobres-sofrem-com-exclusao-digital-durante-a-pandemia/negros-e-pobres-sofrem-com-exclusao-digital-durante-a-pandemia/negros-e-pobres-sofrem-com-exclusao-digital-durante-a-pandemia/negros-e-pobres-sofrem-com-exclusao-digital-durante-a-pandemia/negros-e-pobres-sofrem-com-exclusao-digital-durante-a-pandemia/negros-e-pobres-sofrem-com-e-pobres-sofrem-c$

⁶ https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/pesquisa-inedita-mostra-desigualdade-racial-no-mercado-de-tecnologia/

⁷https://www.geledes.org.br/mulheres-negras-na-



Para começar, os professores de arte precisam (re)considerar a estética, a mídia e a linguagem que assumimos e apresentamos aos nossos alunos. Descentrar a estética ocidental normalizando a estética multidimensional e variada que vive em toda a África. Desestabilizar a narrativa artesanal associada a determinados meios de comunicação, iniciando compromissos contínuos com materiais e processos concebidos por diferentes nações africanas. Além disso, use uma linguagem afirmativa que capacite os alunos negros a se verem como artistas, criativos e criadores de formas. Essas ferramentas afrofuturistas dão aos estudantes negros a oportunidade de criar ativamente sua existência e seu futuro. (...) Com o Afrofuturismo como base do futuro currículo artístico, os alunos serão capazes de usar a arte para afirmar a sua existência, bem como imaginar um mundo onde o colonialismo e os seus efeitos não sejam mais uma limitação à criação de um futuro centrado nos negros (ACUFF, 2020, p.20)

O objetivo da educação musical afrofuturista é estimular que crianças negras construam suas próprias perspectivas de futuro tendo a arte como máquina propulsora. A ideia é que esse futuro possa ser imaginado pela criança com toda a sua autenticidade, numa linguagem fantasiosa, especulativa e imaginária - fato que normalmente já ocorre no mundo da fantasia infantil. Quem lida com a infância no cotidiano percebe o quanto ela é inventora: cria futuros, cria passados, inventa histórias, imagina a irrealidade, já que "a imaginação é uma ferramenta de resistência" (WOMACK, 2013, p. 28)

Assim, o educador é responsável por compartilhar em sala de aula ferramentas diversas para que os estudantes se sintam confiantes para construir um mundo pujante por meio da música, a partir de sua própria criatividade e devaneio. E como inspiração, a cultura afro e afrodiaspórica. A Sociedade Coletiva de Artes Negras de Wondaland, a The Wondaland Arts Society, da qual a cantora Janelle Monáe é fundadora, declara: "Nós acreditamos que as canções são naves espaciais. Nós acreditamos que a música é a arma do futuro. Nós acreditamos que os livros são as estrelas" (The Wondaland Arts Society, s.d).

Em sala de aula, um som afrofuturista pode ser composto por práticas de músicas de diferentes regiões do continente africano (BERLINER, 1978; CHIKOWERO, 2015), associado a canções da cultura afrodiaspórica brasileira e internacional junto a inovações tecnológicas. Pesquisar as diferentes sonoridades das regiões de África é um passo inicial imprescindível no caminho de abandonar a visão eurocêntrica sobre o continente, restringindo as inúmeras culturas africanas a um só local. Ademais, conhecer a música em África é ampliar a visão do que é criado em seus países, pois tal continente não se reduz a aldeias e tribos. Além disso, os preceitos estilísticos dos estudos da música não devem expressar tão somente os parâmetros de harmonia, compasso, ritmo, melodia, letra oriundos da educação musical tradicionalmente



ensinada nas escolas e universidades do país, pois ela revela concepções eurocêntricas. Um currículo de arte afrofuturista explora "contranarrativas futurísticas que falam das interseções da história e do progresso, da tradição e da inovação, da tecnologia e da memória, do autêntico e da engenharia, do analógico e do digital nos espaços da cultura diaspórica" (DAVID, 2007, p. 698), desenvolvendo contrapráticas que descentram a branquidade no mundo da música.

Algumas experiências pedagógicas

Desde 2008 leciono Educação Musical em uma escola na favela do Vidigal, no Rio de Janeiro. A escola foi fundada em 1945 pelas Filhas de Jesus, congregação criada pela espanhola Cândida Maria de Jesus em 1871 que tinha como objetivo promover a educação cristã de meninas de classes menos favorecidas. A chegada ao Brasil foi em 1911, quando a já nomeada Madre Cândida enviou seis Filhas de Jesus, freiras, ao nosso país para aqui fundar escolas. No Rio de Janeiro, começou no Leblon, atendendo apenas a garotas, mas em seguida se instalou no morro do Vidigal, quando ainda não existia o processo de favelização do território. Durante muitos anos atendeu às famílias de elite do Leblon e abriu as portas também para meninos. Mas em janeiro de 2001, fundou-se o Centro Popular de Educação e de Assistência Social Stella Maris, conhecido na vizinhança como Colégio Stella Maris, e passou a atender apenas a alunos em situação de vulnerabilidade social moradores do Vidigal, da Chácara do Céu e da Rocinha. Hoje em dia são as outras escolas da Rede Filhas de Jesus⁸, espalhadas pelo Brasil, que sustentam o Stella Maris, já que todos os alunos são bolsistas, pagando conforme sua comprovação de renda.

Eu leciono música para o Ensino Fundamental I e sempre tive bastante autonomia durante as aulas e no meu planejamento. Por ser uma escola católica, tem boa infraestrutura e é bem equipada: salas de aula grandes, muitos instrumentos musicais disponíveis e sala de informática. Por ser uma favela, mais da metade dos alunos é afrodescendente e não tem acesso fácil à tecnologia. Certo dia fiz a opção didática de levar os estudantes à sala de informática e utilizar a ferramenta Chrome Music Lab: trata-se de um site que oferece experimentos musicais online construídos com tecnologia web de acesso gratuito. Utilizei a aba Rhythm⁹ na plataforma para desenvolver a prática de um padrão de clave bastante presente em comunidades de África, no Brasil e em musicalidades afrodiaspóricas da América Central, em compasso 12x8,

_

⁸ https://filhasdejesus.org.br/

https://musiclab.chromeexperiments.com/Rhythm/



conhecido como barravento. A partir desse padrão rítmico diversos ritmos se estruturam, normalmente utilizando um instrumento percussivo de timbre agudo, como o gonguê. Apresentei a tela desse padrão rítmico e realizamos inúmeras atividades de acompanhamento com percussão corporal. Depois, manuseando o computador, os estudantes puderam manipular o conteúdo e reinventar outras sequências rítmicas a partir desse compasso.

RHYTHM

Figura 1. Print da clave na página Rhythm do site Chrome Music Lab.

Fonte: Print do autor, 2024, https://musiclab.chromeexperiments.com/Rhythm/

No mesmo website há a aba Song Maker¹⁰, onde é possível realizar a notação musical utilizando cores em degraus de uma escada, escrevendo assim melodias. Optei em usar a música Paranauê, canção de domínio público usada na capoeira. Na mesma interface, depois da escrita melódica dessa canção, os estudantes adicionaram um instrumento rítmico acompanhante, tendo a opção em se colocar som de marimba (instrumento originário dos povos ambundos), ou de conga (tambor popularizado em Cuba mas criado em África) ou mesmo um sintetizador para produzir beats¹¹. Nas configurações, as crianças conseguiram modificar a escala para cromática ou pentatônica, alterar o modo, o tom, o compasso, a oitava entre outras

-

¹⁰ https://musiclab.chromeexperiments.com/Song-Maker/

¹¹ https://musiclab.chromeexperiments.com/Song-Maker/song/5402633184083968



personalizações. Em outra aula, já na sala de música, a turma tocou a música Paranauê na flauta doce e já a havia tocado no xilofone. Também já havíamos vivenciado uma roda de capoeira em sala de aula, com a presença de uma das irmãs Filhas de Jesus que até entrou na roda com os alunos e fez muitas gingas.

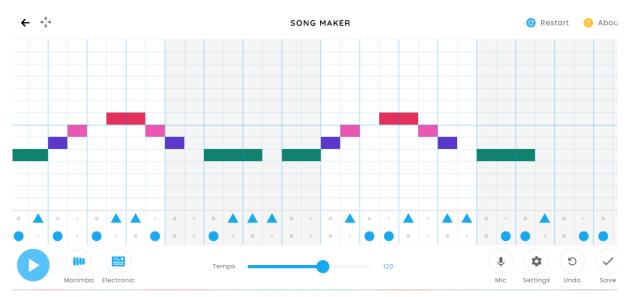


Figura 2. Canção Paranauê criada na página Rhythm do site Chrome Music Lab.

Fonte: Print do autor, 2024, https://musiclab.chromeexperiments.com/Song-Maker/song/5402633184083968

Outra alternativa pedagógica que faz essa ponte entre ancestralidade e futuro é usufruir do funk em sala de aula. A partir do funk carioca, preferência de inúmeros jovens da atualidade, pode-se vivenciar o maculelê. A célula rítmica do chamado funk tamborzão, que provém da fusão entre o ritmo "volt mix" e tambores afro-brasileiros, é a mesma célula rítmica do atabaque do maculelê. O maculelê é uma dança que surgiu no Recôncavo Baiano, que simula uma luta com bastões de madeira, ou facões, praticada ao som de atabaques e cânticos. Há quem sustente, no entanto, que o maculelê tem também raízes indígenas, sendo então de origem afro-indígena. Mestre Popó, principal ícone da disseminação do maculelê no país, deixa clara a sua opinião de que o maculelê é uma invenção dos escravizados no Brasil, sendo assim uma tática de resistência, como a capoeira. A apropriação do maculelê ao cenário da black music no país na década de 1990 é um dos processos de nacionalização do funky, originário dos Estados Unidos.



Figura 3. Partitura rítmica do maculelê.

MACULELÊ



Fonte: BESSA, Beatriz, 2023, Artes Musicais Afrobrasileiras: experiências na educação básica.

Em 1994, o DJ Alessandro, da Equipe Laser Rio, que também é capoeirista, utiliza o toque maculelê em uma montagem intitulada Macumba Lelê e desvela um processo de continuidade que parece sublinhar as possibilidades de usos inovados de um toque observado tanto no Candomblé de Caboclo, no maculelê, quanto em uma produção musical associada aos bailes funk.(MOUTINHO, 2022, p. 32)

Finalizando por enquanto...

As atividades descritas nesse trabalho são apenas uma amostra de inúmeras possibilidades de estratégias pedagógicas que podem ser realizadas, tendo o afrofuirismo como provocação e ação em sala de aula. Existe uma cultura musical negra na humanidade, no ciclo que une passado, presente e futuro, de extrema diversidade e experimentação sonora que pode ser desenvolvida nos espaços escolares, tanto para alunos negros como alunos não-negros. Saber ancestral não é antônimo de modernização, pois essa oposição entre os tempos representa muito mais o conhecimento ocidental do que aqueles cultivados em comunidades africanas. É urgente desnaturalizar a incompatibilidade entre músicas de diversos tempos, criada pelo povo preto em diferentes contextos e épocas, para nos fortalecermos enquanto grupo e para fortalecer as gerações que surgem a cada momento. O que fazemos hoje é herança do que já foi feito e visa um futuro mais potente, justo e representativo do que ainda é a atualidade. O afrofuturismo se entoa num ponto de Xangô e num verso de Criolo, num canto de chegança e num remix da Ellen Oléria, na palma do jogo e e no reverb vocal do Abufela!. E a educação é um meio poderoso através do qual essas forças incessantes se unem, atingindo em cheio nossos ouvidos, nossas mentes, nossas palavras e nossos corações.

Referências



Acesso em 15 de abril de 2024.

ACUFF, Joni Boyd. Afrofuturism: Reimagining Art Curricula for Black Existence. *Art Education*, Londres, v. 73, p.13-21, 2020. Disponível em: https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/00043125.2020.1717910. Acesso em 15 de abril de 2024.

AFROKUT. Rede Social da AfroHumanitude. Disponível em: https://afrokut.com.br/. Acesso em: 20/03/2024

ASSIS, Kleyson Rosário; SOUZA, Esdras Oliveira de. O Afrofuturismo como dispositivo na construção de uma proposta educativa antirracista. *Entheoria: Cadernos de Letras e Humanas*, Serra Talhada, 6: 64-74, Jan./Dez. 2019.

BERLINER, Paul. *The Soul of Mbira: Music and Traditions of the Shona People of Zimbabwe*. Bekeley: University of California Press, 1978.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica [...]. *Diretrizes curriculares nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2004. Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/diversas/temas_interdisciplinares/diretrizes_curricul ares_nacionais_para_a_educacao_das_relacoes_etnico_raciais_e_para_o_ensino_de_historia_e cultura afro brasileira e africana.pdf. Acesso em: 18 dez. 2023.

CHIKOWERO, Mhoze. *African Music, Power and Being in colonial Zimbabwe*. Bloomington. Indiana University Press, 2015.

DAVID, Marlo. Afrofuturism and post-soul possibility in Black popular music. *African American Review*, Baltimore, 41(4), 695–707, 2007.

DERY, Mark. Black to the future: interviews with Samuel R. Delany, Greg Tate and Tricia Rose. *Flame Wars: the discourse of cyberculture*. Durham: Duke University Press, 1994.

ERNESTO, Luciene Marcelino. *Sankofia*: breves histórias sobre afrofuturismo. Rio de Janeiro: Edição da Autora, 2018.

ESHUN, Kodwo. Further considerations on Afrofuturism. *The New Centennial Review*, v. 3, n. 2, 2003.

FREITAS, K.; MESSIAS, J.. O Futuro Será Negro ou Não Será: Afrofuturismo versus Afropessimismo - as distopias do presente. *Revista de la Asociación Argentina de Estudios de Cine y Audiovisual*, n. 17, p. 402-424, 2018.

KABRAL, Fábio. [Afrofuturismo] O futuro é negro o passado e o presente também. Portal Geledes. São Paulo, 29/03/2016. Disponível em: https://www.geledes.org.br/afrofuturismo-ofuturo-e-negro-o-passado-e-o-presente-tambem/. Acesso em: 12 dez. 2023

LIMA, H. P.; MELO, W. Ferreira de; VASCONCELOS, Á. M. Araújo de. *O fio d'água do quilombo: uma narrativa do Zambeze no Amazonas?* São Paulo: Prumo, 2012. MBEMBE, Achille. Palestra proferida em maio de 2016 no College de France. Disponível em: http://www.college- defrance.fr/site/en-alain-mabanckou/symposium-2016-05-02-17h30.htm.



MOSLEY, Walter,. Culture zone; black to the future. New York Times Magazine, 1 de novembro de 1998

MOUTINHO, Renan Ribeiro. Montagens de funk carioca: processos afrodiaspóricos com o ciclo rítmico do congo, a capoeira e o maculelê. Opus, v. 28, p. 1-40, 2022. NELSON, Alondra. Introduction: future texts. *Social Text*, v. 20, n. 2, p.1-15, Durham: Duke University Press, 2002. Disponível em: https://muse.jhu.edu/pub/4/article/31931. Acesso em: 10 dez. 2023

QUEIROZ, R.P.F. Cruzando a órbita prum novo mar: Xênia França e o afrofuturismo no videoclipe de Nave. *ALCEU* (Rio de Janeiro, online), V. 21, No 43, p.106-126, jan./abr. 2021 THE WONDALAND ARTS SOCIETY. sem data. Disponível em: https://wondaland.wordpress.com/about/. Acesso em: 26 jun. 2024

OLIVEIRA, Acauam. De qual afrofuturismo precisamos? *Revista Bravo!* Aug 27, 2020. Disponível em: https://medium.com/revista-bravo/de-qual-afrofuturismo-precisamos-ed9bce0796e7

RA, Sun. *Space is the place*. John Coney. Youtube: 1974. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=owCPrIEliZc&t=2s. Acesso em: 10 dez. 2023

WOMACK, Y. Afrofuturism: The world of black sci-fi and fantasy culture. Chicago: Lawrence Hill Books, 2013.

YASZEK, Lisa. Race in Science Fiction: The Case of Afrofuturism and New Hollywood. *A Virtual Introduction to Science Fiction*. Ed. Lars Schmeink. Web, 2013